

O Objeto da Vida



Ernesto Bozzano

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Ernesto Bozzano

O Objeto da Vida

Título Original em Italiano
Ernesto Bozzano - Perché la vita
Tipografia Dante, Città della Pieve
(1925)

Tradutor Nilson Garcia



Eugène Bodin - Barcos na praia - maré baixa



Conteúdo resumido

Tudo contribui para demonstrar que o objeto fundamental da existência da vida nos mundos diversos é a "individualização das almas", por intermédio de sua passagem pela escala ascensional de todos os seres vivos até o homem.

Sumário

O objeto da vida

O objeto da vida

Tudo contribui para demonstrar que o objeto fundamental da existência da vida nos mundos diversos é a “individualização das almas”, por intermédio de sua passagem na escala ascensional de todos os seres vivos até o homem.

Acontecia em minha juventude de, quando lia e estudava as obras de Herbert Spencer, deter-me em certos capítulos presa de um sentimento de profunda admiração, misturada, não obstante, de certa perturbação ante a grandiosidade apocalíptica do tema. Refiro-me aos capítulos em que o autor contempla a evolução dos mundos e da vida, a extinção desta e a desagregação daqueles ao chocarem-se, entrando em conflito pelo espaço infinito, para transformarem-se em seguida, em nebulosas por conseqüência da espantosa colisão. E as nebulosas por sua vez nesta colossal revolução, estavam destinadas a abrir um novo ciclo de integração evolutiva, análogo aos inumeráveis ciclos que já se haviam encerrado.

Era eu então um positivista convencido; lembro-me do sentimento de profundo vazio que estas leituras despertavam em minha alma. Para que – perguntava-me essa perpetua sucessão de processos de evolução sem finalidades? Como podemos supor que a evolução da espécie tem o seu melhoramento progressivo, o aperfeiçoamento ilimitado das faculdades sensoriais, o florescimento sublime da

intelectualidade, cada vez mais capaz de compreender o mistério do ser, se, em última análise, tudo acabará perdido com o aniquilamento final do universo, sem deixar o menor vestígio? Somente a esta atroz ironia se reduzem, pois, os altos ideais altruístas de que se vangloria o positivismo científico que, depois de ter concluído o aniquilamento da personalidade individual, elogia e preconiza a moral do sacrifício, indispensável ao aperfeiçoamento ulterior da espécie? Mas se a espécie tem que desaparecer algum dia do universo inteiro, em benefício de quais outros idealismos desconhecidos deve sacrificar-se o indivíduo?

Um ideal desta natureza me parecia fictício e inexistente: era um escárnio impossível, dizia-me, que o espírito humano possa contentar-se com concepções filosóficas tão absurdas que não podem ser verdade. É não obstante, a cosmogonia de Herbert Spencer se impunha à razão: era a Verdade. E um vazio desolador descia sobre meu coração e minha inteligência, porque a inteligência não é unicamente razão, mas também intuição.

Sem dúvida, ainda hoje, mesmo a uma distância de quarenta anos e apesar de minha maneira de pensar ter mudado radicalmente, o grandioso sistema filosófico de Herbert Spencer se acha presente em meu espírito em suas grandes linhas, como inquebrantavelmente verdadeiro do ponto de vista da razão; ao mesmo tempo, o sentimento de vazio e desilusão que me ficava na alma quando meditava nele, terminou por desaparecer. Agora, muito melhor que antes, sinto que possuo uma síntese verdadeiramente nítida e compreensível do sistema spenceriano, compreendo e aprecio o saber supremo desse gênio que, desejando assentar os fundamentos de um vasto sistema de filosofia positiva

excluindo toda especulação mais ou menos metafísica, soube, não obstante, fixar o lugar de honra para os problemas imanentes do ser, postulando, como base de seu sistema, a teoria do "Incognoscível".

Pois bem, se substituirmos pela palavra "Deus" o que o eminente filósofo entende pela palavra "Incognoscível", nada mudará em seu sistema filosófico. O agnosticismo de Herbert Spencer é o vestíbulo do Templo de Deus.

A substituição da palavra "Incognoscível" por "Deus" bastaria para assinalar uma finalidade ao universo, para assinalar um objetivo à sucessão de constituições e dissoluções de mundos, para assinalar um desígnio ao progresso humano e à elevação da intelectualidade, dissipando como que por encanto a contradição existente entre os ensinamentos da filosofia de Herbert Spencer e as conclusões irracionais e absurdas que nos arrastariam suas doutrinas sem a interpretação teísta do Incognoscível. Eugênio Nus o destacou em uma página de vigorosa prosa, dizendo:

Se a outra hipótese é verdadeira; se a absoluta indiferença se encontra no fundo da natureza, matriz inconsciente da vida submetida a forças fatais ou colocada aos caprichos do azar; se nenhuma inteligência, nem plano, nada que se pareça a uma idéia rege o mundo moral e o mundo físico; se não existe lei do destino senão fatos que se encadeiam ou, melhor ainda, encadeiam e seguem-se, impelidos por um movimento sem finalidade alguma; se de um lado ao outro desta escala de destruição, o indivíduo se sacrifica pela espécie sem remédio, sem piedade, ficando confusamente misturados os sofrimentos físicos, morais e intelectuais ao fim do caminho, no negro e insondável

caminho onde tudo acaba por desaparecer, homens e animais, raças e espécies, planetas, cometas e sóis; se é apenas isto o círculo infernal da vida, toda a vida, oh! então é o mal, o mal horrível, indiscutível, imenso, sem fim, sem limites, sem trégua. A única explicação que se pode conceber de semelhante monstruosidade infinita é que ela é a realização do absurdo e do infame, acima, abaixo, aqui e em todas as partes. Trata-se de admitir ou não essa tontice quintessenciada, como princípio e fim da existência universal. Desesperança ou confiança, pessimismo ou otimismo, disso se há de partir (Eugenio Nus Recherche Del Destinées 256).

Eugênio Nus conclui observando que todo pensador dotado de sentido filosófico recusará sempre admitir a possibilidade teórica da existência de um universo sem finalidade.

Um naturalista inglês, o coronel Hardwick, chega à mesma conclusão escrevendo:

A tese espiritualista tem seus defeitos, mas possui uma força invencível: é verdadeira. Se alguma dúvida a esse respeito fosse possível, que se sugeriria? Qual seria a alternativa? Eis: a extinção. Em outras palavras: este maravilhoso universo, com seus milhões de mundos e sóis girando em perfeito equilíbrio teria sido organizado sem nenhuma finalidade e acabaria onde começou: no caos. O que faria com que a criação do Grande Todo girasse em colossal bancarrota. Esta grande evolução teria necessitado um tempo infinito, um trabalho sem limites para chegar ao coroamento supremo com o nascimento do homem e de imediato o homem se faz povo... e nada mais. A bolha de sabão estoura e - incrível! - nada continha. Não posso deitar

de perguntar-me: um homem que possui equilíbrio mental pode crer em semelhante interpretação do universo? (Light, 1921, página 763.)

Certamente, não ignoro a objeção com que se responde aos pensamentos deste tipo, ou seja, que não são senão uma manifestação do sentimento e que a ciência não pode deter-se em considerações sentimentais, posto que não deve ocupar-se mais do que à busca da verdade pela verdade. Responderei que essas reflexões, longe de provir somente do sentimento, constituem, pelo contrário, uma indicação imperativa e categórica da razão e da intuição. De fato, o espírito humano - quando não está escravizado por falsas induções científicas - não poderia conceber uma evolução dos mundos, da vida dos mundos, da intelectualidade da vida, que não tivesse uma finalidade. Quem afirme o contrário poderá ser um naturalista eminente, mas sem nenhum sentido de disputa, carece de sentido filosófico e seria vão discutir com um homem que demonstrasse desta maneira haver perdido a razão intuitiva no abismo sem fundo dos prejuízos de escola.

Em todo caso, recordarei que as conclusões a priori da razão intuitiva confirmam admiravelmente a posteriori as manifestações metapsíquicas, tanto as “anímicas” como as “espíritas”, graças as quais se obtém as provas de existências no homem de uma personalidade integral subconsciente, dotada de faculdades de sentido espiritual (animismo) e as provas da supervivência da personalidade (Espiritismo)

Abordarei agora mais diretamente o tema deste artigo que pode se resumir na pergunta: qual é o objeto da vida?

Do ponto de vista filosófico, seria talvez atrevido formular esta pergunta, posto que as finalidades

transcendentais da evolução espiritual do homem seriam sempre impenetráveis.

Minha intenção é, sem dúvida, mais modesta. Proponho-me unicamente a investigar as finalidades prováveis da atual existência encarnada, como já o fizeram numerosos pensadores, sem contar com o que contêm sobre este assunto as revelações mediúnicas. Cumprirei, pois, com o dever de reproduzir algumas aludidas especulações sobre o mistério do ser e algumas das numerosas revelações mediúnicas concordantes, adicionando algumas considerações pessoais.

Em primeiro lugar, eis o pensamento da religião budista, segundo se lê em seus livros:

Em primeiro lugar, eis o pensamento da religião budista, segundo se lê em seus livros:

*Viver é pensar. Viver é estudar Deus, que é
O Todo e esta em Tudo. Viver é conhecer, é
Buscar, aprofundar, sob todas as formas sensíveis,
As inumeráveis manifestações da Potência Celestial
Viver é fazer-se útil a si mesmo e aos outros; e ser bom.*

Esta definição constituiu um resumo de sublime sabedoria, que ilumina as penumbras do espírito humano. Podem comparar-se-lhes algumas pequenas definições do mesmo gênero obtidas por via mediúnica como, por exemplo: "viver é compreender" (Cornellier) e "o objeto da vida é reduzir o mistério da vida" (American Journal of the S.P.R., 1916, página 706). Ambas são filosoficamente profundas; encerram uma grande parte da Verdade. Não obstante, não é essa a fórmula do problema que eu desejo examinar aqui, porque nas definições que acabo de transcrever contempla-se a realização do objeto da vida,

enquanto que eu desejo falar de um princípio mais profundo, mais fundamental, mais positivo em relação à gênese da vida mesma. Portanto, deixarei de lado numerosos pensadores cujas definições giram em torno da afirmação de que "a vida é uma escola de aperfeiçoamento evolutivo do espírito", o que é tão verdadeiro que sua exatidão surge evidente a todo o mundo. Farei uma exceção com uma formosa página do doutor Geley, que estabelece uma distinção entre a finalidade realmente primordial da vida e a secundária, que muitas pessoas confundem com aquela. Eis aqui suas palavras:

Evoluir é, na verdade, tomar conhecimento do próprio estado real, do estado do mundo ambiente, das relações estabelecidas entre o ser vivo e seu meio, entre seu meio e o meio universal.

O desenvolvimento das artes e das ciências, o aperfeiçoamento dos meios empregados para subtrair-nos à dor ou satisfazer nossas necessidades não são, em si mesmos, finalidades da evolução. Não são senão a consequência da realização da finalidade essencial, que é a aquisição de uma consciência cada vez mais ampla e todo progresso em geral está condicionado pelo aumento prévio do campo da consciência.

Tudo isso não se nega, nem é possível negar e apenas se precisa de uma indução perfeitamente legítima para admitir, no auge da evolução, e na medida em que podemos concebê-la, a realização de uma consciência verdadeiramente divina, que comporte a solução de todos os problemas. (De *I'Inconscient du Conscient*, pág 310)

Faz se apenas necessário anotar quão verdadeiro é o que afirma o Dr. Geley, quando diz que os inventos e os

aperfeiçoamentos tecnológicos não representam o objeto da evolução, senão que são somente uma consequência da finalidade essencial da evolução mesma, que aquisição de uma consciência de si progressivamente mais ampla, observação que é necessário não esquecer e que nos remete ao nosso tema, porque se é certo que o objeto da vida é a aquisição de uma consciência individual, cada vez mais ampla, devemos reconhecer, então a verdade do que afirmam numerosos pensadores, ou seja, que em última análise “o fim da vida é a individualização das almas”. Esta é a definição a que aludíamos mais atrás, ao expressar nossa intenção de examinar mais intimamente o mistério da vida para descobrir um princípio mais profundo, mais fundamental, mais original, que tivesse relação com a gênese mesma da vida. Assim tudo contribui para demonstrar que objeto fundamental da existência da vida nos mundos diversos é a individualização das almas através de sua passagem pela escala ascensional de todos os seres vivos até o homem.

Daí, todos os seres vivos, desde a mônada até o homem são indispensáveis para realizar a individualização das almas e todas as individualidades humanas, inclusive as más, são, por sua vez, elementos necessários para permitir que a humanidade alcance seu grande fim. Esta idéia está magistralmente expressa em uma comunicação mediúnica aparecida no *American Journal of the S.P.K.* (1911, pág. 522). A médium era a senhora Edith Wright. Eis aqui a passagem a que nos referimos:

Toda existência ativamente vivida deixa uma marca imborrável no mundo. Hoje o mundo é diferente porque você viveu. A vida que parece mais insignificante é, com freqüência, na realidade a que mais influi na evolução do

mundo. E o recém-nascido que não teve tempo de aprender uma só palavra, que passou à outra vida deixando apenas uma terna recordação no coração de sua mãe, fez mais para reformar a história do mundo que tudo quanto possa conceber a mais profundo de nossos pensadores. Jamais viveu um só ser que não tenha deixado sua contribuição útil ao progresso do mundo. O malvado mesmo é um instrumento de Deus para o progresso de seu reino. Graças às faltas se adquirem experiência; a debilidade engendra a força; o bem nasce do mal; a miséria e a dor fazem germinar a alegria; a ignorância dá lugar a ciência.

O diretor de Light insiste também no fato de que a natureza não importam as imperfeições humanas, porque seu fim essencial é a individualização das almas, escrevendo:

Não há que olvidar que o verdadeiro fim para o qual existe no universo é a individualização do espírito humano. A natureza na pergunta: "És bom? És belo? Tens aspirações elevadas, ideais sublimes?" questiona apenas: "És um homem? És consciente de si mesmo? És capaz de amar, odiar, aprender, progredir? Se assim é, todas as aquisições são exequíveis para ele..."(Light, 1923 pág. 360.)

Uma notável circunstância é que o célebre poeta inglês John Keats havia formulado há um século uma concepção análoga da vida. Em suas Cartas, publicadas recentemente por Sidney Colvin (Mac Millan), acha-se a seguinte passagem:

Se vos apraz, denominai o mundo de "Vale onde se fabricam almas" e compreenderéis então qual é a finalidade do mundo. Eu digo: "Fábricas de Almas", com intenção de estabelecer uma distinção entre Alma e a Inteligência - chama do divino - em milhões de seres... mas não serão

almas desde que não hajam adquirido identidade, desde que não se convertam em personalidades... E como se pode criar as Almas? Com essas "chispas divinas" poderão adquirir uma identidade individual... de modo que possuam um selo pessoal e especial para cada indivíduo? Fica evidente que só poderia ser conseguido por meio de um mundo como o nosso... Há um sistema para criação de espíritos. Não vedes, por acaso, a necessidade de um mundo de tribulações e dores para que uma Inteligência se transforme em alma?

Belas palavras nas quais se acha disseminada uma grande verdade, que vem em apoio do ditado: "a instituição dos poetas anda a frente do tempo".

David Gow, analisando uma conferência científica na qual o autor supunha a existência de uma Inteligência consciente que se manifestaria por mediação da matéria, assim se expressa:

Rapidamente se supera o antigo juízo segundo o qual a inteligência não pode se manifestar senão por intermédio de um órgão cerebral. O universo inteiro é não somente a expressão da vida, mas também da inteligência. No homem esta inteligência é consciente de si mesma e o meio de alcançar este resultado é precisamente o nascimento do espírito no mundo da matéria, enquanto que a idéia de que o mundo é uma escola de educação e de prova para adquirir experiência não representa senão uma verdade secundária, embora importante. O grande fim da Natureza ao criar o mundo físico, tal como disse muito bem recentemente um escritor é o de "fabricar almas". Sua educação poderá se verificar em nosso mundo ou em outra parte, porque os recursos da natureza para isso são infinitos, uma vez que o

fim principal (ou seja, a individualização das Almas) foi conseguido. (Light, 1918, pág. 253.)

Na passagem que acabamos de transcrever, foi mantido o cuidado de destacar que o fim principal com que a Natureza tem espargido a vida por aqui é o de "fabricar almas" não prover sua educação através de um número adequado de experiências. Este último fim existe, sem nenhuma dúvida, e longe esta de carecer de importância, mas é sempre secundário, posto que a educação e a elevação das Almas pode se realizar tanto na existência encarnada quanto na desencarnada, enquanto que a individualização das almas não pode efetuar-se senão por meio de sua passagem pelo mundo da matéria. "Fabricar Almas", essa é a verdadeira e grande finalidade da existência dos mundos e das vidas.

Relembrei que, neste ponto, um grande número de pensadores independentes tem estado de acordo, assim como videntes antigos e modernos, além de personalidades de mortos que se comunicam mediunicamente, o que marca uma convergência de opiniões muito significativa.

Assim, por exemplo o célebre vidente norte-americano Andrew Jackson Davis, a pergunta: "Qual é o fim principal da existência terrestre?" responde: "A individualização do espírito, a fim de prepará-lo para a existência espiritual". (The Harbringer of Health, pág. 3).

As revelações de Swedenborg, bem como as mais recentes do Rev. Valle Owen fazem também referência ao mesmo assunto e Arthur Wood, comparando todos estes dados conclui nestes termos:

A concordância dos ensinamentos a este respeito aparece de maneira notabilíssima, tanto mais quanto que procedem de fontes distintas. São ensinamentos que abrem um vasto

campo de especulações muito importantes, já que esta orientação do pensamento permite perceber um resplendor da Verdade acerca da razão da existência de um universo material, a saber, que não somente é uma condição necessária para a existência do homem, mas também e sobretudo, constitui um fator essencial para a existência individualizada no mundo espiritual. Em outras palavras: o universo material é instrumento necessário para criar a superestrutura de todo "finito", tanto encarnado quanto desencarnado; sem ele não poderíamos ter entidades humanas conscientes individualizadas... (Light, 1921, pág. 518.)

O professor Willian Barret compartilha este modo de encarar a finalidade da vida, escrevendo:

Haveria de chegar à conclusão de que o fim da vida é, de um lado, a edificação, a consolidação e a perpetuação de nossa personalidade separada e distinta, e por outro lado o despertar e desenvolver, em cada uma destas consciências individualizadas, uma Unidade interior, que enlaça todas as personalidades separadas a uma Personalidade Sintética mais ampla, na qual todos "vivemos, movemos e existimos". Em outras palavras: ter consciência do fato de que formamos uma parte integrante e somos todos membros de um Organismo Único... (On the threshold of Unseen pág. 251.)
(1)

1 – Não se deve confundir esta teoria com a do panteísmo, segundo a qual as almas evoluem até um ponto em que se integram no Todo Universal, pendendo a sua individualidade. O Panteísmo não é aceito pelo Espiritismo.

Tenho comigo outras dezessete passagens de obras de pensadores que chegaram por caminhos distintos às mesmas conclusões. Mas, são tão semelhantes às que já citei que não poderia reproduzi-las sem cair na monotonia. Limito-me,

pois, a transcrever uma outra na qual o tema está mais desenvolvido que de costume e que pode servir, por conseguinte, de síntese do que expus até aqui.

O Sr. W. H. Evans trata em um artigo profundo (Light, 1923, pág. 137) o tema da evolução e da sobrevivência do espírito humano, chegando às mesmas conclusões que outros escritores já citados. Entre outras coisas, disse:

O princípio espiritual do homem se desenvolve e se individualiza eternamente por meio de inumeráveis sóis e planetas e graças a regular evolução progressiva dos minerais, vegetais e animais que se acham representados e resumidos na energia, força, simetria, beleza do corpo humano, de seus órgãos, de suas funções... O grandioso mecanismo do universo é, pois, um instrumento destinado a alcançar seu total cumprimento, essa gloriosa finalidade suprema; gloriosa e grande porque graças a ela a estrutura e a imortalidade do espírito humano estarão fixadas de modo imutável. Os milhões de sóis e de planetas que povoam o espaço infinito são, pois, os agentes subordinados e secundários aos quais a Natureza confere a tarefa sublime de produzir e eternizar o espírito humano... e cada reino da natureza é um vasto laboratório no qual estão os diversos elementos necessários ao desenvolvimento evolutivo, até quando um núcleo da vida é colocado em condições de adquirir a consciência de si mesmo. Assim como os reinos naturais são laboratórios encarregados de cumprir esse grande fim, igualmente cada parte do organismo humano é um laboratório no qual o "corpo espiritual" se constitui e se aperfeiçoa... O organismo humano cumpre a tarefa de conceder a individualidade aos elementos espirituais... o que

faz com que, sem o processo da evolução terrestre não haveriam almas individualizadas...

Parece-me que o que acabamos de expor responde de maneira filosoficamente adequada à grande pergunta: Qual é o objeto da vida? Fica por responder, do ponto de vista psicofísico, esta outra pergunta, secundária, mas importante, do dor quê do cérebro. Ou seja, por que a Inteligência, chispa divina, necessita, para individualizar-se, de um instrumento carnal e perecível? Para resolver este problema é preciso perceber que se se pode admitir que uma alma individualizada contém uma chispa de Inteligência divina, não é menos certo que essa chispa divina não consegue individualizar-se senão passando do reino do "Absoluto" ao do "Relativo", do domínio do "Noúmeno" ao do "Fenômeno". Do que resulta que para por-se em relação com as manifestações do universo fenomenal, a "chispa divina individualizada" necessita de um órgão transformador apropriado: o cérebro. Em outras palavras, a verdadeira função do cérebro com relação ao espírito consistiria em colocá-lo em condições de perceber, em ciclos alternados de vidas sucessivas, frações infinitesimais da Realidade Incognoscível, de conformidade com um sistema de aparências "fenomenais", que se manifestam com modalidades sempre diferentes em cada mundo habitado do universo inteiro: aparências fenomenais no meio das quais o espírito esta destinado a existir e a exercitar-se com vistas à sua elevação ulterior no conhecimento da Realidade Absoluta considerada através das modalidades infinitas nas quais se transformam ao manifestar-se no Relativo.

Assim se compreende a necessidade que tem o espírito de possuir um cérebro que representa o papel de órgão

transformador da Realidade Absoluta em formas de manifestações Relativas e Fenomenais: função de infinita grandeza a que são destinados os enumeráveis mundos que povoam o universo. **Fim**